



Como se extingue o deserto

... a extinção do deserto é um processo lento e contínuo, que depende de uma série de fatores, como a ação humana, o clima e a geografia. A principal causa da extinção do deserto é a ação humana, que pode ser dividida em dois tipos: a destruição do deserto e a recuperação do deserto. A destruição do deserto ocorre quando o homem remove a vegetação natural, o que leva à erosão do solo e à desertificação. A recuperação do deserto ocorre quando o homem planta árvores e culturas, o que ajuda a restaurar a vegetação natural e a melhorar a qualidade do solo.

Como se faz um deserto

Quando se fala em deserto, a primeira imagem que surge na mente é a de um lugar árido, sem água, com poucas plantas e animais. Mas, na verdade, um deserto é qualquer lugar onde a precipitação média anual é inferior à evaporação. Isso pode ocorrer em regiões polares, como o Polo Sul, ou em áreas tropicais, como o Saara e o Deserto do Atacama.

Existem vários tipos de desertos, cada um com suas características próprias. Os desertos de alta altitude são encontrados em montanhas e cordilheiras, onde o ar é mais rarefeito e a precipitação é menor. Os desertos de baixa altitude são mais comuns e podem ser classificados em desertos de estepe, desertos de tundra e desertos de vegetação rasteira.

Os desertos de estepe são caracterizados por grandes áreas de terra plana ou levemente ondulada, com poucas árvores e muitas plantas rasteiras. Os desertos de tundra são encontrados em regiões polares e são caracterizados por grandes áreas de terra plana ou levemente ondulada, com poucas árvores e muitas plantas rasteiras.

Os desertos de vegetação rasteira são encontrados em regiões tropicais e subtropicais e são caracterizados por grandes áreas de terra plana ou levemente ondulada, com poucas árvores e muitas plantas rasteiras.

Além disso, existem desertos de sal, desertos de gelo e desertos de fogo. Cada um desses tipos de desertos tem suas próprias características e desafios para a vida que ali habita.

CHAMADA PARA CONVERSAS ANTES DE DORMIR

À QUEM SE INTERESSAR,

OLÁ,

GOSTARIA DE VISITAR SUA CASA E TE OUVIR LOGO ANTES DA GENTE DORMIR. VOU SOZINHA, COM MEU GRVADOR, E CONVERSAREMOS SOBRE O QUE QUIZER ATÉ CAÍRMOS NO SONO.

ME ESCREVA OU LIGUE!

ANNACOSTAESILVA@GMAIL.COM

ZI 99406 7009

* É POSSÍVEL FAZER O ENCONTRO NA MINHA CASA, SE VOCÊ PREFERIR.

Rio, 8 de janeiro de 2018

Hoje encontrei o caderno. Encontrei o caderno no fundo do armário, por acaso, enquanto você assistia televisão deitada na cama depois de jantar. Nas tuas letras geométricas marcadas pelo ofício de arquiteta li a primeira anotação nesse diário, o diário do meu primeiro ano de vida: "Nasci às 21:15h com 3,650kg e 50cm de comprimento". Leio essa e outras entradas cotidianas nas páginas amareladas pelo tempo. O registro da primeira vez que sorri, de um dente que despontou antes da hora, do doutor que disse que faço parte do grupo de 10% dos bebês mais altos do país. As palavras são tuas, mas quem fala sou eu. Encontrei o caderno guardado no fundo do armário e nele essa correspondência secreta em que mãe e filho dão voz um ao outro, em que você evoca minha primeira subjetividade, e eu lhe outorgo a experiência materna e uma nova identidade. Leio minhas próprias memórias e acho que consigo te escutar, como se você falasse de mim, para mim, a partir de mim, como se ainda habitássemos um mesmo corpo. Leio e acho que escuto a tua voz, uma voz de que já não me lembro mais. Daqui decidi escrever esta carta que agora te envio para te restituir da fala que você perdeu. Escrevo e te envio essas páginas porque quem está aqui comigo não é mais minha mãe e porque daqui não enxergo mais as interseções entre o teu corpo e a tua mente. O corpo hoje é um corpo assistido, passivo, pedindo socorro, é um corpo alimentado, asseado, exercitado à força. Tua mente ficou na memória dos outros e hoje só se manifesta em resquícios, como nas poucas vezes em que você sorri e me pergunto se é a última vez. Ou ainda quando você, andando pela casa à tarde, para ao lado da porta do meu antigo quarto e arrisca a cabeça para dentro, em busca de qualquer lembrança. Em algum canto recôndito da memória você sabe o que se passou aqui, você intui que dentro desse pequeno espaço assistiu sua cria crescer. Mas com a mesma casualidade com que procura, curiosa, algo que lhe pertença, abandona logo essa busca inútil e segue seu vago caminho. Escrevo e envio essa carta para o momento de meu nascimento, em 1993, buscando o resgate de uma personalidade esvaída. Quem é você? Ou talvez já, quem foi você? Você ainda é? O que te define então é a tua sanidade, as tuas faculdades mentais, o teu ofício de arquiteta, teu papel de mãe? Ou só você aqui, sentada, olhando para o nada, para tudo, como uma criança que, como eu, acaba de nascer? Te escrevo no momento de meu nascimento para dizer que encontrei o caderno no fundo do armário e que ainda me lembro de você. Que você sobrevive, mesmo que não saiba disso. Em outra linha no antigo diário, encontro: "Estou danado, parece que comecei a descobrir o mundo de uns dias para cá. Entendo tudo o que falam comigo, se não sei alguma coisa é só me mostrar que não esqueço mais. Falo muito, uma língua que só eu entendo." Pergunto-me se você realmente não compreendia essa minha língua. Se ali, enquanto você registrava diariamente minha descoberta do mundo, já não ouvia, na tua própria voz, a minha. Se hoje não está, nesse mesmo idioma em comum, nossa única possibilidade de um diálogo. Escrevo e envio essa carta para você para tentar encontrar, em minha própria voz, a tua.





















